

Argentina vão às urnas em busca de saída para crise social histórica

ARGENTINA VOTA EM CLIMA DE EXAUSTÃO

Eleição histórica ocorre à sombra da crise, que gera medo, raiva e desilusão

JANAÍNA FIGUEIREDO
jанаина.figueiredo@globo.com.br
BUENOS AIRES

Os 35 milhões de argentinos que podem ir hoje às urnas votarão pelo próximo presidente sob um clima de exaustão, num país que nos últimos quatro meses teve inflação mensal de dois dígitos — em setembro chegou a 12,7% —, viu a cotação do dólar paralelo superar a barreira dos mil pesos e a fome virar uma realidade dramática, que afeta milhões de pessoas. A crise econômica e social é tão aguda que causou até o rompimento do modelo que vigorava desde a redemocratização de 1983, com as eleições presidenciais argentinas sendo disputadas por duas forças antagonicas: o peronismo, dominante, e o antiperonismo, que venceu nas urnas duas vezes desde então. Com essa fratura, surgiu a terceira força, representada pelo candidato ultraliberal populista Javier Milei.

A transformação política é intensa. Para Ana Iparraguirre, da GBAO Strategies, "uma mudança de era", com o fim da dualidade política: — Passamos a ter um sistema de três terços. Além do fenômeno midiático e político Milei — que venceu as primárias obrigatórias de agosto — a força tradicional da política se apresenta com o peronista Sergio Massa, atual ministro da Economia, e, pela "direita histórica" Patricia Bullrich, ex-ministra que congregou a centro-direita na aliança Juntos pela Mudança. O desastre econômico explica, em grande medida, o favoritismo do candidato que se classifica como "anarco-capitalista": Milei aparece em primeiro lugar em todas as pesquisas e com altas chances de se eleger no primeiro turno (se conseguir 45% dos votos válidos, ou 40% com mais de dez pontos percentuais de vantagem em relação ao segundo colocado), ou num eventual duelo final, previsto para 19 de novembro. Estas avaliações estão por trás das decisões dos eleitores. O GLOBO entrevistou argentinos que traduzem os sentimentos dominantes dos eleitores dos favoritos à Casa Rosada: a desilusão, a raiva e o medo.

PERFIS



Juan María Poiron / LEILOEIRO

Opção pelo tudo ou nada após desilusões em série

Aos 48 anos, Juan María Poiron, divorciado e pai de dois filhos de 15 e 17 anos, admite que, frustrado com toda a classe política argentina, decidiu dar seu voto ao candidato ultra-liberal, Javier Milei, depois de uma conversa com seu filho mais velho, Tomás. A frase que o convenceu é muito simples, e é mencionada em conversas por muitos eleitores do líder do partido A Libertad Avanza: "Todos os demais candidatos e partidos já me decepcionaram, se queremos mudar, não podemos continuar votando nos mesmos de sempre". Foi assim, pouco antes das eleições legislativas de 2021, as primeiras nas que participou Milei — eleito deputado pela cidade de Buenos Aires —, que o leiloeiro passou a acompanhar a campanha do candidato populista, na época já admirado por Tomás. O filho de Juan María é um eleitor típico de Milei: jovem e totalmente desconectado dos partidos tradicionais argentinos. — Sabemos que Milei é meio louco, mas pelo menos ele é um autêntico. Os outros também são loucos e fingem não ser — comenta Juan María, num intervalo entre clientes na casa de leilões onde trabalha, no

bairro portenho da Recoleta. Nos últimos anos, o trabalho sofreu forte queda, e o orçamento familiar, que ficou mais complexo depois do divórcio, apertou. — Na Argentina tudo é complicado, e no nosso ramo isso é surreal. Colegas uruguaios não acreditam os males que temos de fazer para sobreviver. Acho que Milei pode normalizar o país, e se ele me decepcionar, será mais um na fila — disse. Juan María sabe que eventuais soluções aos eternos problemas argentinos não chegaram da noite pro dia, e está preparado para meses turbulentos depois da eleição. — Vivemos com os cintos apertados, mas agora teremos de apertar mais. A Argentina não pode continuar gastando mais do que tem, isso precisa acabar. Vamos pensar mais ainda, mas o país precisa dar uma guinada de 180 graus e enfrentar sua realidade — frisa o leiloeiro, que nos últimos meses, com as permanentes tensões no mercado cambial, enfrentou muitas dificuldades no trabalho. Juan María diz que jamais votaria em um peronista, e considera que Patricia Bullrich não merece o voto "dos que sempre são castigados pelos governos falidos argentinos".



Claudia Giacobone / CITÓLOGISTA CLÍNICA

Mudança moderada na fúria ao kirchnerismo

A família de Claudia Giacobone vive no interior da província de Buenos Aires e nunca foi peronista. São pessoas que vivem do campo, e que nos últimos anos, sobretudo durante os governos de Néstor e Cristina Kirchner (2003-2015), e no atual governo de Alberto Fernández, tiveram sua renda drasticamente diminuída pelos tributos cobrados pelo Estado. Claudia diz que jamais votou e jamais votará por um candidato peronista. A opção pela direita radical a assustou pela falta de estrutura política e por seu discurso inflamado, diz a citologista de 52 anos, casada e mãe de três filhas entre 14 e 20 anos. Assim o voto na "direita tradicional" foi o caminho natural. — O kirchnerismo acabou com a Argentina, somos terra arrasada. Minha família trabalha no campo e está arruinada economicamente por culpa dos governos peronistas e kirchneristas, que ficam com 80% da renda produzida — afirma Claudia. Seu voto por Patricia Bullrich busca, essencialmente, duas coisas: que o

Estado argentino tire os pés de cima dos produtores rurais e, pelo contrário, os apoie para crescer e se desenvolverem; e que a Argentina possa ser reconstruída e dar um futuro aos jovens, que hoje emigram em massa para outros países, sobretudo Espanha, onde o irmão de Claudia vive há 20 anos. Ele é um dos que partiu após a dramática crise política, social e econômica de 2001 e 2002, e, assegura a citologista, nunca mais voltará porque encontrou uma vida muito melhor em outro continente. — Estamos todos muito cansados de viver com tanta instabilidade. É esgotante, estressante, ninguém aguenta mais. Tenho medo pelas minhas filhas, além da economia desastrosa, a violência piorou muito. Ninguém dorme tranquilo neste país — desabafou Claudia. Uma de suas principais críticas ao kirchnerismo é um modelo econômico que, segundo a citologista, "criou escravos que dependem da ajuda estatal, empobreceu o país e nos condenou ao atraso". — Ajuda social sim, mas com limites. Somos um país pobre — conclui.



Veronica Bini / EMPREGADA DOMÉSTICA

Lealdade a Perón e temor do fim das ações sociais

Rodeada de cachorros e gatos que adota nas ruas de Ciudadela, na Grande Buenos Aires, a empregada doméstica Veronica Bini, de 50 anos, mãe de dois filhos, reconhece, com lágrimas nos olhos, que a comida em sua casa é escassa. Ainda se recuperando de uma cirurgia por um tumor no cérebro — a terceira nos últimos anos —, Veronica diz estar cansada, mas garante nunca perder a fé de que a vida vai melhorar. Ela cresceu ouvindo histórias sobre os primeiros governos de Juan Domingo Perón, grande líder histórico do peronismo, e sobre sua segunda esposa, a mítica Evita Perón. — Minha mãe me contava sobre Perón e Evita, e sobre como eles ajudaram muito os pobres. Até pouco tempo atrás, eu tinha uma estátua de Evita aqui em casa, mas meu irmão levou — disse Veronica. A avó da empregada doméstica argentina já faleceu, mas as lembranças sobre suas histórias permanecem. Veronica está convencida de votar no candidato peronista Sergio Massa, e acredita que ele, como Perón, ajudará os pobres como ela. — Gosto de Massa, de como ele fala e de como ele é. Ele veio aqui no bairro, deu pra ver de longe, vou votar nele porque sou peronista e acredito nos peronistas — acrescentou, enquanto dava dinheiro a uma de suas filhas para comprar comida. Nos últimos tempos, com uma inflação galopante, Veronica tem de optar entre comprar pão ou ovos, alguns dias consegue ter dinheiro pro leite, outros não. Refrigerante não se toma em sua casa há anos, as refeições são acompanhadas com água da torneira. A fome é uma realidade que a empregada doméstica não esconde. Por que votar pelo ministro da Economia de um governo que só piorou a situação dos setores mais humildes? Porque para Veronica, como para muitos outros argentinos que formam o chamado núcleo duro do peronismo, qualquer outra alternativa pode ser pior. — Estou tentando conseguir uma ajuda estatal pelo meu problema de saúde, e tenho esperanças de conseguir. Se o governo não for peronista, essa esperança será mínima, porque eles não se importam com a gente — afirma a empregada doméstica. Ela está convencida de que somente Massa protegerá deficientes físicos e pensará nos pobres, como fazia Perón. Sem o peronismo, conclui Veronica, a tragédia será ainda maior.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal O Globo - Rio de Janeiro/RJ

Seção: Mundo **Página:** 20